

A família como espaço de relações de escutas musicais

Comunicação

Carolina Cason da Silva
Universidade Federal de Uberlândia
carolinacason@hotmail.com

Líliá Neves Gonçalves
Universidade Federal de Uberlândia
lilia_neves_2006@hotmail.com

Resumo: Essa comunicação traz resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo geral compreender as dinâmicas de escutas musicais imersas nas relações de uma família. Para tanto, os objetivos específicos foram: entender a construção social dos espaços de escutas musicais na família participante da pesquisa; identificar e discutir os modos e estratégias de escutas - individuais e/ou compartilhadas dessa família; investigar como se dá a relação de escutas entre os integrantes - repertório, hierarquias, conflitos etc.; refletir sobre processos coeducativos experienciados por eles. Esta pesquisa adota como método o estudo de caso e a observação como procedimento de levantamento de dados. Este estudo traz como fundamentação teórica a música e a educação musical como práticas sociais com base em Souza (2004); a ideia de família na perspectiva de Costa (2009), Fonseca (2005) e Bruschini (1989); o conceito de geração de Mannheim (s/d), Lloret (1998) e Forquin (2003); e a família patriarcal na concepção das hierarquias de gênero nos espaços sociais de Norvaz e Koller (2006) e Bourdieu (2012). Alguns resultados dessa pesquisa indicam a escuta como uma prática social, que acontece em um espaço físico e social de encontros realizados por uma família. A prática da escuta imersa nas relações cotidianas diárias da família passa pela construção social do espaço da escuta no qual as relações de geração e de gênero são estabelecidas nessa família na forma como seus membros organizam suas estratégias e seus modos de escuta, além do que escutam, como e porque escutam música.

Palavras-chave: escuta musical, família, sociologia da educação musical.

Introdução

Esta comunicação trata de uma síntese da minha dissertação¹ de mestrado cujo objetivo geral foi compreender as dinâmicas de escutas musicais imersas nas relações familiares. Enquanto os objetivos específicos foram: entender a construção social dos espaços

¹ O título da dissertação é “Encontros às sextas-feiras: espaço de relações de escutas musicais em família”, realizada no curso de Mestrado em Música da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), orientado pela Profa. Dra. Líliá Neves Gonçalves.

de escutas musicais na família participante dessa pesquisa, identificar e discutir os modos e estratégias de escuta - individuais e/ou compartilhadas dessa família, investigar como se dá a relação de escutas entre os integrantes – repertório, hierarquias, conflitos etc. – e, por fim, refletir sobre processos coeducativos experienciados pelos membros dessa família.

Parte-se da ideia da escuta como construção, já que ela não nasce no vácuo, é desenvolvida/construída no tempo e no espaço em que ela está inserida, mediante os processos históricos, as paisagens sonoras, as configurações sociais, as tecnologias disponíveis, as tradições culturais e os hábitos. Dessa forma, pensa-se a escuta como uma prática musical, e portanto, social, que é construída, desconstruída e reconstruída.

Nesse sentido, Schafer (2014, p. 15, tradução minha)² sugere que “a audição é um presente de Deus mas escutar precisa ser aprendido”. No que diz respeito à escuta musical, esse é um autor muito importante que aborda o tema, no entanto esse seu apontamento também traz a possibilidade de se levantar algumas problemáticas, como um possível entendimento de que a escuta estaria ligada ao talento ou dom, que já nasce com o indivíduo e que, portanto, não seria construído, e também o entendimento de que a audição seria uma “dádiva”, podendo transmitir a ideia de que pessoas com alguma deficiência auditiva não foram “presenteadas” com a audição. No entanto, a interpretação que essa pesquisa adota é a de que, embora a audição seja algo inerente ao indivíduo, ela ainda seria uma construção, pois precisa ser aprendida.

Para tanto, concebe-se que escutar é mais do que captar fisicamente o objeto sonoro musical, mas significá-lo e, para isso, é preciso aprender a escutar. Granja (2006) ao diferenciar o escutar do ouvir compreende, então, o ouvir como o processo de “captar fisicamente a presença do som”, enquanto o escutar seria um processo mais minucioso de “dar significado ao que se ouve” (p. 65).

Como já dito, a escuta não nasce no vácuo, portanto não é natural, como muitas vezes é tida. Dessa forma, essa pesquisa problematiza ainda algumas ideias que naturalizam a ação da escuta, quando entendida como uma ação orgânica do aparelho auditivo, como sendo uma capacidade apenas dos ouvintes.

² No original: “Hearing is God's gift but listening has to be learned” (SCHAFFER, 2014, p. 15).



Evelyn Glennie, uma percussionista escocesa, portadora de deficiência auditiva severa, conta que a surdez não a impede de escutar, já que a visão e o toque a permite ver e sentir as vibrações e, assim, criar um som correspondente àquela fonte sonora (GLENNIE, 2015). Para ela “a surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com os ouvidos” (GLENNIE, 2015, s/p, tradução minha)³. Segundo Finck (2009), ouvir se baseia nessa ação orgânica do aparelho auditivo, enquanto o escutar envolve não só a ação do ouvir, mas também o sentir e o ver.

Percebe-se ainda na literatura sobre escuta musical, uma preocupação em discutir tipos de escuta baseados nos comportamentos dos ouvintes. Dentre os tipos de escuta, está o que traz a dicotomia entre escuta ativa e passiva, ideia que leva a um tipo de hierarquização da escuta, na qual a “escuta ativa” seria vista como uma escuta estética, analítica e, portanto, “melhor”, enquanto a “escuta passiva” se caracterizaria pela escuta cotidiana, praticada não como atividade principal, mas simultânea a outras, com atenção dividida.

Além dessa dicotomia, muitos trabalhos sobre o tema ainda abordam outras tipologias de escuta, traduzindo esses diferentes modos em como a escuta é praticada. É notável que a escuta se faz presente de formas estratégicas e essas tipologias apresentam dimensões que essas classificações imprimem à escuta, já que muitas delas também apresentam escutas hierarquicamente classificadas.

A intenção dessa pesquisa não foi distinguir os tipos de escuta, já que está claro a multiplicidade dela. Diante disso e ampliando a perspectiva da escuta, conclui-se que escutar é reconhecer, identificar, interpretar, significar, sentir, estabelecer relações.

Metodologia

Esta pesquisa, ao desvelar as dinâmicas de escutas musicais imersas em relações familiares, usou o estudo de caso como método, já que se trata da investigação de um fenômeno específico inserido em um contexto social contemporâneo (YIN, 2015). Pensando a família como espaço de socialização⁴, Böing, Crepaldi e Moré (2008) apontam a importância

³ No original: “Deafness does not mean that you can’t hear, only that there is something wrong with the ears” (GLENNIE, 2015, s.p)

⁴ A socialização, de acordo com Setton (2011, p. 715), “é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade. Em sua dimensão produtora, difusora e reprodutora, a

dessa instituição como objeto de pesquisa, a qual vai permitir “vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural também em desenvolvimento” (p. 254).

A pesquisa não foi realizada em uma família aleatória, mas na minha família. Utilizou-se como procedimento para coleta de dados a observação e interações como forma de questionar e instigar situações em que eu vivia, nas minhas relações cotidianas familiares. Assim, a pesquisa contou com 22 observações realizadas nesse contexto, principalmente, nas noites de sextas-feiras, quando temos como hábito nos reunir na varanda da casa dos meus avós, não com o objetivo de se escutar música propriamente, mas de confraternizar o final de uma semana, o que não impedia que a música estivesse presente do início ao fim do encontro.

Essa pesquisa foi, portanto, realizada no contexto de uma família de classe média, católica, que, em sua grande maioria, aprecia a música sertaneja raiz, cujos membros são residentes em uma cidade do interior de São Paulo, que também é berço de cantores, duplas sertanejas reconhecidas no país a partir da indústria cultural. É uma família composta por três gerações, sendo meus avós, pais de três filhos, dois homens e minha mãe como única filha mulher. Todos são casados e têm de dois a três filhos.

Referencial teórico

Essa pesquisa tem a família como espaço de transmissão e apropriação da prática musical. Para Kraemer (2000), o ensino aprendizagem musical atravessa as barreiras dos espaços sistematizados de ensino, e está presente nas práticas cotidianas e “diz respeito a todas as pessoas que transmitem conhecimentos e habilidades próprios da música... pais, políticos da área educacional, mas também crianças e jovens têm uma ideia sobre a transmissão de música” (p. 65). Para Caldeira (2021, p. 35), “fazer música é uma atividade humana e, uma vez que toda atividade humana é social, a música é, portanto, uma prática social”. Dessa forma “não será possível separar o social do musical, pois esses aspectos estão interligados” (SOUZA, 2014, p. 13).

socialização pode focar as instituições como matrizes de cultura, enfatizar as estratégias de transmissão e, portanto, de transformação dos valores dos grupos sociais, além de explorar o processo de incorporação realizado pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida” e ainda complementa que é “um processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo”.

Para, então, compreender o objeto dessa pesquisa é importante destacar a ideia de família aqui adotada e, como toda relação social, a família não é um fenômeno que anda só. Nessa pesquisa, família, geração e gênero compõem o referencial teórico no qual se apoia a análise e discussão dos dados.

Para Costa (2009, p. 359), família se caracteriza como a “matriz da socialização”. Segundo Fonseca (2005), não existe receita para o que se conhece por família, podendo incluir parentes consanguíneos ou não e até mesmo amigos que pela relação se tornaram parte da família. Dessa forma, essa autora prefere falar sobre relações ou dinâmicas familiares ao invés de uma unidade familiar, definindo-a como “uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos” (FONSECA, 2005, p. 54). Bruschini (1989, p. 13) complementa que a família é formada não “apenas pela soma de indivíduos que a compõem, mas pelas relações que se estabelecem entre eles” (BRUSCHINI, 1989, p. 13).

Para as autoras, família é um grupo permeado de afeto e solidariedade, mas também carregado de tensões e conflitos devido a sua heterogeneidade geracional e de gênero. Bruschini (1989, p. 6) enxerga a família como um espaço social, no qual “as gerações se defrontam mútua e diretamente e onde os sexos definem suas diferenças e relações de poder”.

Segundo Carvalho e Melo (2013), a estrutura familiar é um importante espaço de socialização, pois é onde se inicia a formação dos valores, deveres e responsabilidades. É também, espaço em que vai se formando os papéis de cada indivíduo na família, assimilando as relações de poder e de organização desde a infância.

Mesmo diante das transformações que a ideia de família passou e vem passando, Carvalho e Melo (2013, p. 3) afirmam que “o modelo de família nuclear burguês ainda sobrevive, já que a posição de chefe da família ainda é culturalmente vinculada ao homem, mantendo-o hierarquicamente superior à mulher”. Esse modelo de família tradicionalmente patriarcal, que é vivenciado pela família participante da pesquisa, parte das relações de gênero e também de geração para definir funções, papéis a cada integrante da família. Segundo Narvaz e Koller (2006, p. 50), o patriarcado não se define apenas pelo poder do pai



na família, mas pelos homens no geral, sendo os filhos, treinados para serem patriarcas também. Dessa forma, as gerações são educadas a reproduzir os valores.

Em se tratando da discussão acerca do fenômeno geração, esse trabalho parte da concepção histórico social (FORQUIN, 2003; MANNHEIM, s/d), compreendendo que, embora os fatores biológicos estejam ligados com a questão da geração, esse fenômeno não pode ser reduzido a apenas isso, assumindo que os fatores sociológicos envolvidos também são importantes para se definir o que seja uma geração.

Para Mannheim (s/d) e Domingues (2002), as coletividades geracionais é que permitem pensar uma geração, portanto, “uma geração não se define isoladamente: é na interação com outras gerações que cada uma delas delinea sua identidade e contribui para a produção das outras. É nesses processos interativos que as gerações se moldam e são moldadas” (DOMINGUES, 2002, p. 75-76).

Similarmente Lloret (1998), para quem a idade é uma categoria de “pertencimento existencial”, assume que a “idade não é tua nem a minha, é a idade do outro que, ao nos ser dada, nos possui” (p. 25, tradução minha)⁵. Dessa forma, para ela, nos é dada a idade do outro como referência. Ou seja, pertencemos a cultura que define e situa cada categoria de idade, estabelecendo fronteiras nas práticas, no que se pode ou não fazer, falar, vestir, ou seja, se aprende as normas ou condutas para assumir certa categoria.

Abordando a relação geração e educação como questões ligadas, Forquin (2003, p. 1) assume que a educação está “vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si”. Partindo da convivência entre avós e netos, Oliveira (1998) frisa a troca de aprendizagem entre eles num processo de coeducação, ou seja, de “mútuas influências” (p. 13), numa relação em que os indivíduos “se influenciam e se modificam reciprocamente” (p. 11).

Tal como exposto, as categorias sociais de gênero e de geração compõem a instituição familiar e apresentam sua pluralidade e complexidade. Entender esses conceitos ajudam compreender os fatores que permeiam as relações de escutas musicais que perpassam a convivência da família participante desse estudo.

⁵ No original: “la edad no es la tuya ni la mía, es la edad del otro que al sernos dada nos posee” (LLORET, 1998, p. 25)

A construção do espaço de escuta musical na família

Embora as observações tenham acontecido em diferentes espaços e situações de encontros dessa família (aniversários, datas comemorativas, como Páscoa, dia das mães, dos pais etc.), as noites de sextas-feiras se destacaram pelo número de observações realizadas nessas ocasiões, mas também pela dinâmica e organização desses encontros.

Apesar de não terem como objetivo escutar música, ela, por meio de sua perspectiva sonora, estava intencionalmente presente. A partir dessa intencionalidade, o espaço físico que acolhia essa família nesses encontros era preparado para que essa prática acontecesse. Ao ligar o aparelho de som é que se marcava o início dos encontros, da mesma forma que eles se encerravam com o desligamento dele. Esse espaço, então, era composto por uma mesa, com várias cadeiras ao redor, nas quais as pessoas se acomodavam e, logo ao lado, um aparelho de som, que ficava fixo nesse espaço.

Em uma perspectiva social, é possível afirmar que o espaço de encontros e de escutas musicais dessa família não era só um espaço físico ou o “ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe” (BOURDIEU, 2008, p. 160), mas também um espaço social que, como define Oliveira (2015, p. 90), “é o espaço das relações que os indivíduos tecem e que são estabelecidas nos diversos lugares, nos espaços físicos”. Essas relações se apresentavam nas dinâmicas, na organização do espaço físico, nas interações e na divisão das funções que cada um ocupava na noite, relações essas que giravam em torno de categorias sociais como às questões de gênero e de geração.

O lugar ocupado pelos integrantes dessa família ao redor da mesa traduzia isso, já que os homens, em especial meu avô e meus tios, geralmente ocupavam o mesmo lugar em todos os encontros, lugares esses próximos ao aparelho de som, o qual eles comandavam quase que exclusivamente, decidindo o repertório de escuta, os dispositivos e mídias de música usadas para essa prática. Nesse aspecto, as mulheres e as crianças pouco tinham poder de escolha e de decisão. Não que isso fosse um ponto de tensão, pelo menos aparentemente, já que todos estavam acostumados com essa relação de poder já naturalizada. Enquanto isso, o restante da família se acomodava nos lugares disponíveis, e coincidentemente ou não, as mulheres ficavam mais próximas a porta de acesso à cozinha. Dessa forma, os homens nos

lugares mais “nobres” da mesa e as mulheres na “periferia”. Ou seja, os lugares que essas pessoas ocupavam à mesa indicavam uma posição no espaço físico, mas também simbolizavam a posição delas no espaço social.

De acordo com Bourdieu (2008, p. 160), “a estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social”. Assim, o espaço social se retraduz no espaço físico e vice-versa, numa relação dialética. As posições ocupadas pelos participantes, portanto, simbolizam as hierarquias sociais e de escutas musicais permeadas por questões de gênero, mas também de geração, como é apontado pela ausência das crianças nesse espaço da varanda. Dois de meus primos, um de nove e outra de três anos, pouco compartilhavam esse espaço, preferindo ficar na sala da casa, onde usavam seus dispositivos para ver vídeos, jogar e também escutar/ver música. Embora não haja uma diferenciação intencionalmente definida entre espaço dos adultos e espaço das crianças, isso acabava existindo pelas diferenças geracionais e também pelo repertório escutado.

A forma que é concebida a ideia de ser criança potencializava essas diferenças geracionais e isso se retraduzia na dinâmica do espaço físico, que não parecia interessante para uma criança ficar a noite toda sentada ao redor de uma mesa, mas também no espaço social, onde as conversas não incluíam as crianças e o próprio repertório de escuta – sertanejo raiz – que não fazia parte das suas preferências e realidade individual.

Sobre essas relações, Bourdieu (2008) discorre que:

não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta (BOURDIEU, 2008, p. 160).

Nesse modelo de família patriarcal é meu avô e meus tios quem detinham maior poder, o “capital social”, sendo que as práticas de escutas musicais giram em torno das preferências de meu avô e dos comandos de meus tios. Essas dinâmicas não são vividas ali com uma intencionalidade negativa, mas são naturalizadas por todos, inclusive pelas mulheres, já que aprendemos ser mulher e ser homem nesse processo de socialização.

Modos e estratégias de escuta musical

Como visto, o espaço de encontro dessa família acaba por separar adultos e crianças, e, portanto, separa também as escutas musicais. O repertório escutado na varanda pelos adultos gira em torno do sertanejo raiz, que é um gosto em comum entre a maioria, dessa forma, é um espaço composto por uma escuta coletiva. As crianças, vivenciam uma escuta individual em outro espaço da casa usando fones de ouvido, já que o repertório dos adultos não condiz com o que elas escutam. Dessa forma, os dispositivos, as mídias e os modos de escuta usados para ambas as práticas eram diferentes e diversos, com diferentes tecnologias dos dispositivos portáteis, dos recursos – *bluetooth* –, do *streaming*, dos recursos audiovisuais, dentre outros.

As práticas de escutas musicais eram guiadas pelo que eu chamei de “estratégias de escuta”, sendo que a escolha de um dispositivo ou mídia em detrimento de outro depende do objetivo, intenção ou finalidade de escuta, do repertório a ser ouvido e/ou da comodidade ao controlar o que escutar.

Essas estratégias se evidenciaram no planejamento de mudar a mídia de áudio nos encontros em que a escuta era interrompida, por exemplo, pela programação política da rádio e ainda pela troca do aparelho de som fixo pela caixa de som portátil, a fim de a música acompanhar a mudança de ambiente, garantindo e viabilizando a escuta com qualidade sonora. Na primeira situação, meu tio costumava deixar o dispositivo que permitia a conexão *bluetooth* entre celular e o aparelho de som ou então o *pen drive* com as músicas já conectado no aparelho para que, assim que iniciasse a programação política da rádio, alterassem a mídia para que a escuta não fosse prejudicada.

O dispositivo *bluetooth* também era um recurso estratégico já que o aparelho de som da casa de meus avós não tinha a possibilidade desse tipo de conexão, mas para viabilizar o comando do som com comodidade, sem ter que sair do lugar, meu tio costumava levar esse dispositivo que, ao conectar no aparelho, possibilitava esse tipo de conexão.

Meu primo, de 9 anos, em sua escuta individual, também usava o fone de ouvido como estratégia para se isolar da escuta dos demais e até mesmo para que ninguém escutasse suas músicas, isso porque algumas delas não eram permitidas pelos pais por conta do



conteúdo da letra, então ele usava o fone de ouvido para isolar também a sua escuta dos outros. Dessa forma, mais que um dispositivo, o fone de ouvido era ainda um modo de escuta. Segundo Iazzetta (2003, p. 2), “é por meio dessas tecnologias que os consumidores vão ter acesso à música e, portanto, essas tecnologias não oferecem apenas novos aparelhos de reprodução musical, mas ajudam a configurar os modos de escuta musical de cada época”.

As práticas de escutas musicais dessa família eram práticas cotidianas, que não tinham como objetivo se atentar para a organização e a estrutura do objeto sonoro/musical, ao contrário das práticas de escuta tratadas nos artigos analisados por Lima (2020) que requeriam habilidades de atenção, concentração, discriminação, identificação, caracterizada por aquela escuta ativa. As práticas de escutas musicais dessa família levam ao questionamento acerca da passividade da escuta, como já exposto nesse artigo.

Um dos artigos analisados por Lima (2020) chegou à conclusão que a ausência dessas habilidades não permitiria alcançar uma escuta significativa, como as adquiridas através das experiências vividas em atividades cotidianas, ou em aulas de música. Stockfelt (2004) é um autor que parte dessa ideia da experiência como pilar na construção das habilidades de escuta. Para ele, essas habilidades ou “competências” são construídas nas relações com a música quando a relacionamos ao contexto, à situação, ao gênero musical e às estratégias de escuta. Nesse sentido, ele assume os “modos de escuta adequados”, não delimitando um único modo adequado para cada escuta, mas assumindo que existem vários modos para se escutar uma única música a depender desses fatores. Dessa forma, uma escuta musical adequada “ocorre quando se escuta música de acordo com as exigências de uma dada situação social e de acordo com as convenções socioculturais predominantes da subcultura à qual a música pertence” (STOCKFELT, 2004, p. 91)⁶.

Para Cavicchi (2012), a passividade da escuta implicaria um comportamento único, enquanto para ele a escuta é um comportamento plural e complexo: “um comportamento complicado e variado que muda de acordo com uma ampla gama de contextos históricos, sociais e biológicos” (p. 7-8)⁷.

⁶ No original: “occurs when one listens to music according to the predominant socialculture conventions of the subculture to which the music belong” (STOCKFELT, 2004, p. 91).

⁷ No original: “is a complicated and varied behavior that changes according to a wide range of historical, social, and biological contexts” (CAVICCHI, 2012, p. 7-8).

Essa discussão serve para localizar os modos e estratégias de escuta praticados por essa família que não acontece de forma atenta apenas à música. A escuta acontece como atividade paralela às conversas, e outras interações vividas por eles, mas que, nem por isso, pode ser caracterizada como uma atividade passiva, já que muitas dessas conversas tinham como base o que escutavam, além das reações que a música provocava nos gestos das pessoas e dos processos educativos musicais vivenciados através dessa prática.

Considerações finais

Percebe-se, portanto, nas dinâmicas de escutas musicais presentes na família participante desta pesquisa, que a intencionalidade que a escuta musical estivesse presente nos encontros familiares intensificava as relações existentes nesse espaço. Essas relações caracterizavam o espaço físico e social, sendo a casa dos meus avós era um espaço físico que comportava mais de um espaço social, como o espaço dos adultos e das crianças, permeados por hierarquias de gênero e de geração.

Possuindo mais de um espaço de escuta, os encontros da família eram permeados pela escuta coletiva dos adultos e pela escuta individual das crianças. Nessa lógica, concluiu-se que o espaço desses encontros contava com escutas sobrepostas. Ao mesmo tempo que as crianças não tinham como fugir da escuta dos adultos, já que o som extravasava as paredes da varanda, elas sobrepunham a sonoridade do ambiente com suas escutas individuais, fossem isoladas em seus fones de ouvido ou se locomovendo para outro ambiente da casa. Dessa forma, cada um escutava as músicas de seu tempo por meio dos dispositivos que aprendeu e se apropriou conforme sua geração. A escuta, como prática histórica, não estava separada do espaço e do tempo que ela acontecia.

Essa pesquisa permitiu um olhar que fugisse das dualidades da escuta ativa e escuta passiva. Pensando na perspectiva dos modos adequados de escuta de Stockfelt (2004), a passividade não podia ser considerada uma característica de escuta dessa família, já que estava adequada ao contexto, à situação e às estratégias de escuta intencionada. Entende-se aqui como escuta “uma experiência complexa e ativa, não simples e passiva” (POPOLIN, 2012, p. 112), que está “sempre envolvida com algum tipo de resposta, seja corporal, social, emocional ou cognitiva, por parte do ouvinte” (BYLAARDT, 2017, p. 40).



As dinâmicas estabelecidas por essas pessoas nos espaços mostram que essa escuta não é natural, e sim construída nas relações dessas pessoas. Foi possível enxergar por esse trabalho que onde se escuta música, relações são construídas com a música, entre os próprios ouvintes e com o espaço em que a situação se insere, evidenciando, assim, as hierarquias sociais.

Dessa forma, a pesquisa aponta para a escuta como uma prática musical, que também é social e ajuda a área da educação musical compreender a escuta como ação no processo de ensino-aprendizagem de música na vida cotidiana, além de possibilitar o entendimento de como as pessoas se relacionam com a música.

Referências

BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida; MORÉ, Carmem Leontina Ojedo Ocampo. Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, v. 18, n. 40, p. 251-266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/ZXVJbVid6cZ3k8ZkDjybgXj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 159-166

BRUSCHINI, Cristina. Uma abordagem sociológica de família. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-23, 1989. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/562>. Acesso em: 30 out. 2022.

BYLAARDT, Consuelo Paulino. *Modos de escuta dos jovens alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre*. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-AZWPPY>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. 205 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.410>

CARVALHO, Ana Paula Ferreira; MELO, Lucilene Ferreira de. Relações de poder: famílias com histórico de violência doméstica contra a mulher. JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., São Luis. *Anais [...]* São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2013.

Disponível em: < <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo9-poderviolenciaepoliticaspUBLICAS/relacoesdepoderfamiliascomhistoricodeviolenciadomesticacontraamulher.pdf> > Acesso em: 2 jul. 2023.

CAVICCHI, Daniel. *The musicality of listening*. In: Matters for Music Education. Keynote Address. In: ANNUAL REGIONAL MEETING OF THE ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brazil, sep. 21, 2012.

COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 356-371. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-16.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade. *Tempo Social; Revista Sociologia*. USP, São Paulo, v. 14, n. 11, p. 67-89, maio. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/kKMZtsKWrRtppHk5bYssTJx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2022.

FINCK, Regina. *Ensinando música ao aluno surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18266/000727762.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2022.

FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade* v.14, n.2, p. 50-59, maio-ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/WGpvJkq4tm4wmZJbGcMkHGg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2022.

FORQUIN, Jean-Claude (2003). Relações entre gerações e processos educativos: Transmissões e transformações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES, São Paulo, SESC, outubro de 2003. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/103191783/FORQUIN-Relacoes-entregeracoes-e-processos-educativos-transmissoes-e-transformacoes>>. Acesso em: 30 out. 2022

GLENNIE, Evelyn. *Hearing essay*. 2015. Disponível em: <https://www.evelyn.co.uk/whos-listening/>. Acesso em: 28 out. 2022.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. Música e escuta (Capítulo 3). In: *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras, 2006.

IAZZETTA, Fernando. Tecnologia, escuta e conflito de gêneros. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 14., Porto Alegre. *Anais [...]* Porto Alegre: ANPPOM, 2003. Disponível em: https://iazzetta.eca.usp.br/papers/amppom2003_1.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógicomusical. Trad. Jusamara Souza. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 50-73, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9378/5550>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LIMA, Samuel Alexandre Alves de. *Ensinar a ouvir: uma discussão crítica sobre a escuta musical em pesquisas na área da educação musical*. 2020. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30671>. Acesso em: 30 out. 2022.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro (Cap. 2). In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (Org.). *Imagens do outro*. Tradução de: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 13-23.

MANNHEIM, Karl. *O problema das gerações: sociologia do conhecimento*. Tradução de: Maria da Graça Barbedo. Porto: RES-Editora, s.d. p. 115-176.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia e Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 49-55; jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkpBDpL4Xn/abstract/?lang=pt>. Acesso em : 28 jun. 2023.

OLIVEIRA, Livia Roberta. *Práticas musicais constituídas pelos alunos nos espaços/tempos livres no/do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG*. 2015. 186 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18903/1/PraticasMusicaisConstitu%c3%ad das.pdf> Acesso em: 2 maio. 2023.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Cultura e co-educação de gerações. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 261-296, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/qc9YsDWYDfBkgK6BRyNiT3Q/?lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2022.

POPOLIN, Álisson. “*Eu gosto de escutar música todo dia. Todo jovem gosta*” – “*Escutar música já faz parte da minha vida*”: jovens, escuta diária de música e aprendizagem musical. Uberlândia, 2012. 139f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12305>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SCHAEFFER, Pierre. *Tratado de los objetos musicales*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SCHAFER, R. Murray. Sound around. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, p.00-00, jan./jun. 2014. Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/225>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SETTON Maria da Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400003>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, Carolina Cason da. *A construção de preferências musicais na infância: um estudo com Mateus (sete anos de idade)*. 2021. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32133>. Acesso em: 30 out. 2022.

SOUZA, Jusamara. Música em projetos sociais: perspectiva da sociologia da educação musical. In: SOUZA, Jusamara et al. (Org.). *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. 168 p.

STOCKFELT, Ola. Adequate modes of listening. In: COX, Christoph; WARNER, Daniel. *Audio culture: readings in modern music*. Continuum: New York: London, 2004. p. 88-93.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

